

### **Papa pede libertação dos reféns sequestrados na Nigéria e Camarões**

Após a Missa na Solenidade de Cristo Rei, celebrada na Praça São Pedro, Leão XIV fez um apelo pela libertação de estudantes e padres sequestrados nos últimos dias nos dois países africanos. O Pontífice citou ainda sua primeira viagem apostólica à Turquia e ao Líbano e a carta sobre a unidade cristã "In unitate fidei", publicada hoje. Por fim, agradeceu aos corais que participaram da celebração por ocasião do seu Jubileu.

*Vatican News*



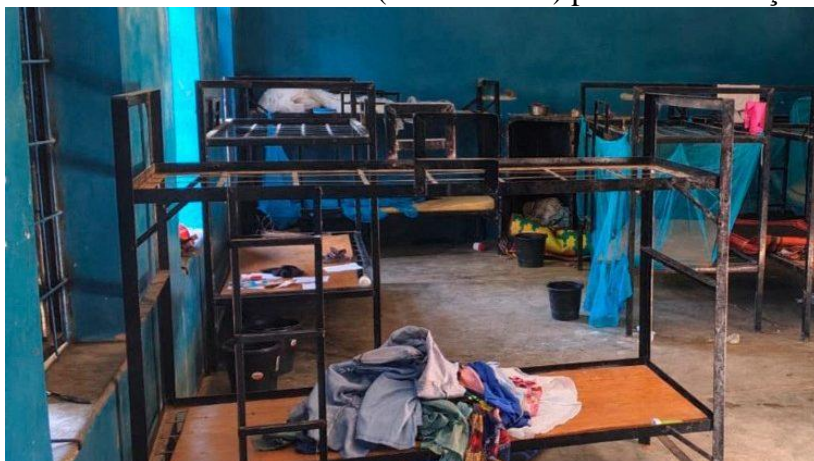
"Tomei conhecimento com imensa tristeza das notícias sobre os sequestros de padres, fiéis e estudantes na Nigéria e em Camarões. Sinto uma dor profunda, sobretudo pelos muitos rapazes e moças sequestrados e pelas suas famílias angustiadas. Faço um apelo sincero para que os reféns sejam imediatamente libertados e exorto as autoridades competentes a tomarem decisões adequadas e oportunas para garantir sua libertação. Rezemos por nossos irmãos e irmãs e para que, sempre e em todos os lugares, as igrejas e as escolas continuem sendo locais de segurança e esperança. "

Com essas palavras, Leão XIV, ao final da Missa celebrada na Praça São Pedro neste domingo, 23 de novembro, na solenidade de Cristo, Rei do Universo, fez um forte apelo pela libertação dos alunos e professores sequestrados anteontem na Escola Católica St. Mary's, na Nigéria, e dos seis padres católicos e de um pastor batista sequestrados há poucos dias em Camarões.

### **Sequestros e violência na Nigéria e Camarões**

Em 21 de novembro, em Papyri, no estado federal centro-oeste do Níger, um dos 36 países que fazem parte da República Federal da Nigéria, um grupo de cerca de 60 terroristas armados, a bordo de carros e motocicletas, invadiu o prédio da "St. Mary", uma escola que recebe crianças entre 12 e 17 anos. Os milicianos invadiram os dormitórios e sequestraram 303 alunos e 12 professores.

Há alguns dias, em Ndop, na divisão de Ngo-ketunja, em Camarões, seis padres católicos da Arquidiocese de Bamenda foram sequestrados. Além disso, no município de Jakiri, na divisão vizinha de Bui, um pastor batista foi sequestrado, por quem os sequestradores já exigiram um resgate de 10 milhões de francos centro-africanos (15.000 euros) para sua libertação.



*O dormitório da escola católica St. Mary em Papyri, na Nigéria, atacado por militantes.*

### **A primeira viagem apostólica do Papa**

O Papa também mencionou sua iminente viagem apostólica, a primeira de seu pontificado, à Turquia e ao Líbano.

O Pontífice irá ao país euro-asiático por ocasião das celebrações do 1700º aniversário do Concílio de Niceia, hoje Iznik, na província de Bursa, Turquia. A propósito, ele citou a publicação de sua carta apostólica, intitulada "*In unitate fidei*", dedicada precisamente à unidade cristã e ao nascimento da oração do Credo Niceno escrita em 325 d.C.

Que cada jovem descubra a beleza e a alegria de seguir o Senhor!

O Papa também lembrou que hoje é a 40ª Jornada Mundial da Juventude em nível diocesano: "Abençoe e abraço espiritualmente todos os que participam das diversas celebrações e iniciativas. Na festa de Cristo Rei, rezo para que cada jovem descubra a beleza e a alegria de seguir a Ele, o Senhor, e de se dedicar ao seu Reino de amor, justiça e paz!".

### **Agradecimento a todos os corais presentes**

Por fim, o Pontífice agradeceu e abençoou a todos os coros presentes na Praça São Pedro por ocasião do seu Jubileu, celebrado ontem e hoje. E citou os fiéis provenientes da Ucrânia: "Levem à sua pátria o abraço e a oração desta Praça!"

Fonte: Vatican News

---

### **Papa: "Em Cristo, nos tornamos cantores da graça"**

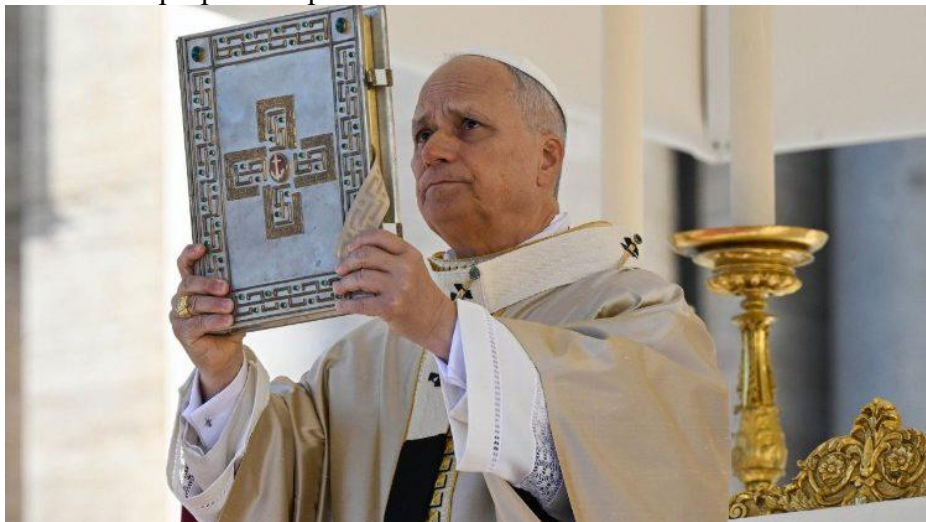
No Jubileu dos Coros, Leão XIV recorda que a música litúrgica é um instrumento precioso através do qual se presta o serviço de louvor a Deus e se manifesta a alegria da Vida nova em Cristo.

Vatican News



Na Solenidade de Cristo Rei do Universo, o Papa Leão presidiu à Santa Missa na Praça São Pedro por ocasião do Jubileu dos Coros, com a presença de 60 mil fiéis. E foi justamente o canto o elemento principal da homilia do Santo Padre.

“O canto é próprio de quem ama”



"As grandes civilizações nos deram a música para que pudéssemos expressar o que sentimos no fundo do coração e que nem sempre as palavras conseguem transmitir", afirmou o Pontífice, acrescentando que todos os sentimentos e emoções que nascem no nosso íntimo podem encontrar voz na música. Como lembra Santo Agostinho: "o canto é próprio de quem ama".

Para o Povo de Deus, o canto expressa a invocação e o louvor, é o "cântico novo" que Cristo Ressuscitado eleva ao Pai, fazendo com que todos os batizados participem dele. Quem canta na igreja, contribui para a edificação espiritual dos irmãos, afirmou Leão XIV:

*"Em Cristo, tornamo-nos cantores da graça, filhos da Igreja que encontram no Ressuscitado a causa do seu louvor. A música litúrgica torna-se assim um instrumento preciosíssimo através do qual prestamos o serviço de louvor a Deus e manifestamos a alegria da Vida nova em Cristo."*

O Papa citou novamente o Bispo de Hipona, que exortava a caminhar cantando, como viajantes afadigados, que encontram no canto uma antecipação da alegria que sentirão quando alcançarem o seu destino. "Canta, mas caminha [...] avança no bem» (*Sermo 256, 3*)", escrevia ele. Com efeito, fazer parte de um coro significa avançar juntos, consolando nos sofrimentos, exortando para não ceder ao cansaço. Cantar, disse o Santo Padre, nos lembra que "somos Igreja em caminho, autêntica realidade sinodal, capaz de partilhar com todos a vocação ao louvor e à alegria, numa peregrinação de amor e esperança".



*Coral na Praça São Pedro (@Vatican Media)*

Preparação, fidelidade, disciplina e espírito de serviço

Dirigindo-se diretamente aos membros dos coros, o Papa afirmou que se trata de um verdadeiro ministério, que exige preparação, fidelidade, compreensão mútua e, acima de tudo, uma vida espiritual profunda. Mas não só, requer ainda disciplina e espírito de serviço. O coro é uma comunidade, ninguém está à frente, mas todos contribuem para torná-la mais unida. Para o Pontífice, o coro é um pouco um símbolo da Igreja que, voltada para o seu destino, caminha na história louvando a Deus. O canto torna a viagem mais leve e traz alívio e consolo.

O convite, portanto, é para transformar os coros num "prodígio de harmonia e beleza", imagem luminosa da Igreja que louva o seu Senhor. Leão XIV pediu que estudem o Magistério contido nos documentos conciliares, de modo a desempenhar da melhor forma o serviço. Acima de tudo, a exortação é para fazer com que o povo de Deus participe sempre, "sem ceder à tentação da exibição que exclui a participação ativa de toda a assembleia litúrgica no canto". Assim, serão um sinal eloquente da oração da Igreja, que através da beleza da música, demonstra o seu amor a Deus.

O Papa concluiu confiando todos os cantores à proteção de Santa Cecília, a virgem e mártir que, em Roma, elevou com a sua vida o mais belo canto de amor, entregando-se totalmente a Cristo e oferecendo à Igreja o seu luminoso testemunho de fé e amor. "Continuemos cantando e façamos nosso, uma vez mais, o convite do Salmo responsorial da liturgia de hoje: «Vamos com alegria para a casa do Senhor»."

Fonte: Vatican News

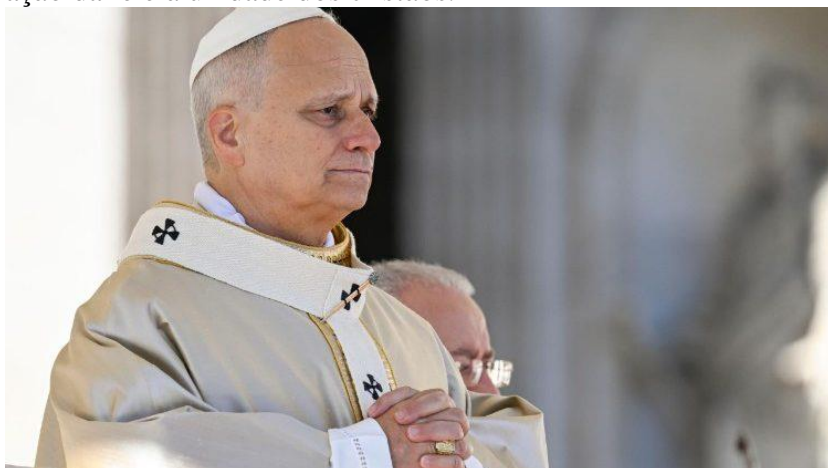
---

### **In unitate fidei: a Carta Apostólica de Leão XIV sobre o Concílio de Niceia**

O novo Documento do Papa, divulgado na Solenidade de Cristo Rei, destaca a centralidade do Credo, o valor da unidade cristã e prepara espiritualmente a Viagem Apostólica do Pontífice à Turquia.

*Thulio Fonseca - Vatican News*

O Papa Leão XIV publicou, neste domingo, 23 de novembro, Solenidade de Jesus Cristo Rei do Universo, a Carta Apostólica "In unitate fidei", por ocasião dos 1700 anos do Concílio de Niceia. O texto, apresentado às vésperas da Viagem Apostólica do Pontífice à Turquia, traz como um forte apelo à renovação da fé e à unidade dos cristãos.



Dividido em doze pontos, o documento tem por objetivo, segundo o próprio Papa, “encorajar toda a Igreja a renovar seu entusiasmo pela profissão de fé”. A Carta coloca em destaque a herança espiritual e doutrinal deixada pelo Concílio de 325, evento decisivo na formulação do Credo professado por todas as tradições cristãs.

“Na unidade da fé”: um chamado para todos

Logo no início, o Papa recorda que “na unidade da fé, proclamada desde os primórdios da Igreja, os cristãos são chamados a caminhar em concórdia, guardando e transmitindo com amor e alegria o dom recebido”. Em seguida, Leão XIV retoma as palavras do Credo formulado em Niceia — “Cremos em Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus, que desceu do céu para a nossa salvação” — como fundamento permanente da identidade cristã.

Ao situar a Carta no contexto do Ano Santo de 2025, dedicado a Jesus Cristo, nossa esperança, o Papa afirma ser uma “coincidência providencial” que a Igreja comemore também o aniversário do primeiro Concílio Ecumênico. O núcleo da fé cristã — a divindade do Filho — permanece, segundo ele, atual e necessário para os tempos marcados por guerras, incertezas e sofrimento humano. E ao lembrar que, em cada domingo, a Igreja proclama o Credo Niceno-Constantinopolitano, “profissão de fé que une todos os cristãos”, o Pontífice sublinha que, diante das provações do mundo, “a fé nos dá esperança”.



07/10/2025

### **Leão XIV, primeira viagem à Turquia e ao Líbano, de 27 de novembro a 2 de dezembro**

Foi anunciada a primeira viagem apostólica do Papa Leão XIV, na qual está prevista uma "peregrinação" a Iznik, antiga cidade de Niceia, por ocasião dos 1700 anos do Concílio ...

“O que nos une é muito mais do que o que nos divide”

A Carta dedica ampla atenção ao diálogo entre os cristãos. O Pontífice reafirma que o caminho ecumênico, sustentado pelo batismo comum e pelo Credo de Niceia, permitiu reconhecer nas demais tradições nossos irmãos e irmãs em Jesus Cristo. “Realmente, o que nos une é muito mais do que o que

nos divide”, observa o Papa, “num mundo ferido por conflitos”, a comunidade cristã pode tornar-se “sinal de paz e instrumento de reconciliação, contribuindo de forma decisiva para um compromisso mundial pela paz”.

*“Para podermos desempenhar este ministério de forma crível, devemos caminhar juntos para alcançar a unidade e a reconciliação entre todos os cristãos. (...) Devemos, portanto, deixar para trás as controvérsias teológicas, que perderam a sua razão de ser, para adquirir um pensamento comum e, mais ainda, uma oração comum ao Espírito Santo, para que nos reúna a todos numa única fé e num único amor.”*

Caminho de reconciliação, escuta e acolhimento

Leão XIV insiste que o ecumenismo não busca um “retorno” a situações prévias às divisões, nem a mera aceitação do status atual das Igrejas. Trata-se, ao contrário, de um caminho de reconciliação, escuta, acolhimento e intercâmbio de dons espirituais. A restauração da unidade, afirma, “não nos torna mais pobres; ao contrário, nos enriquece”.

*“Tal como na Niceia, este objetivo só será possível através de um caminho paciente, longo e, por vezes, difícil de escuta e acolhimento recíproco. Trata-se de um desafio teológico e, mais ainda, de um desafio espiritual, que exige arrependimento e conversão da parte de todos. Por isso, precisamos de um ecumenismo espiritual de oração, louvor e culto, como aconteceu no Credo de Niceia e Constantinopla.”*

Oração ao Espírito Santo

A Carta conclui com uma oração do Papa Leão ao Espírito Santo, para que Ele possa acompanhar e guiar o caminho da unidade cristã, e reunir a Igreja no único rebanho de Cristo:

*“Santo Espírito de Deus, Vós guiais os fiéis no caminho da história (...) e, de época em época rejuvenesceis a fé da Igreja. Ajudai-nos a aprofundá-la e a voltar sempre ao essencial para a anunciar. (...) Vinde, divino Consolador, Vós que sois a harmonia, para unir os corações e as mentes dos crentes. Vinde e dai-nos o prazer da beleza da comunhão. Vinde, Amor do Pai e do Filho, para nos reunir no único rebanho de Cristo. Mostrai-nos os caminhos a seguir, para que, com a vossa sabedoria, voltemos a ser o que somos em Cristo: uma só coisa, para que o mundo acredite. Amém.”*

Fonte: Vatican News

---

### **Nigéria: Bispo e religiosas pedem orações pelos alunos raptados**

Na Nigéria, as Irmãs da Congregação Nossa Senhora dos Apóstolos pedem ao mundo orações e solidariedade espiritual para com os 315 alunos e responsáveis administrativos da Escola católica, primária e secundária, Santa Maria em Papiri, raptados na madrugada de sexta-feira, 21 deste mês. O Bispo de Kontagora, confirma o número de raptados e pede igualmente orações para o regresso rápido e seguro dos raptados.

Vatican News



*Escola Primária e Secundária Católica, Santa Maria em Papiri, Estado do Níger, Nigéria.*

Propriedade da Diocese de Kontagora, essa escola é gerida pelas irmãs Nossa Senhora dos Apóstolos - disse a Irmã Mary Barron, Superiora da Congregação, cuja Casa Generalícia é em Roma. A comunidade de Papiri está localizada no estado de Níger no nordeste da Nigéria.

Numa mensagem partilhada com o Vatican News, a Irmã Barron pede a todas as pessoas de boa vontade para rezarem pelo regresso rápido e seguro dos alunos, estudantes e funcionários raptados e

pela proteção, força e consolo das suas famílias e da comunidade de Papiri; pedem igualmente orações pelo fim de todas as formas de violência, pela restauração da paz, da justiça e da dignidade na região.

Ao atualizar o número dos raptados, o bispo da Diocese de Kontagora, Dom Bulus Dauwa Yohanna, confirmou que 315 alunos e funcionários foram raptados. Negou as alegações de que a Escola teria sido alertada pelas autoridades sobre um possível ataque terrorista. O bispo qualificou tais relatos de "propaganda" e de tentativa de transferência de culpas. Recordou que em 2022 quando se falava em problemas de segurança fecharam a escola imediatamente, sem hesitar - afirmou o Bispo perante os media locais. O prelado assegurou publicamente a contínua cooperação da Diocese com as autoridades governamentais, os líderes comunitários e as agências de segurança. E pediu ainda orações pelo regresso seguro e rápido de todos os alunos e funcionários sequestrados.

Fonte: Vatican News

---

### **O Vaticano e a jornada jubilar dedicada aos cristãos em diálogo com o mundo**

O evento, marcado para o dia 28 de novembro, é organizado pela Secretaria de Estado do Vaticano em colaboração com o Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida e o Instituto 'Redemptor Hominis', da Universidade Lateranense, por ocasião do aniversário de 60 anos da Constituição Conciliar "Gaudium et Spes".

Vatican News



*A Pontificia Universidade Lateranense*

A Igreja, em diálogo com o mundo, está comprometida com as questões sociais, em nível local, mas também internacional. Seu compromisso estará no centro do evento Jubilar, promovido pela Secretaria de Estado do Vaticano: Seção para as Relações com os Estados e Organizações Internacionais, em colaboração com o Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida e o Instituto Pastoral 'Redemptor Hominis' da Pontificia Universidade Lateranense. O acontecimento, que se realizará dia 28 de novembro de 2025, intitulado "Cristãos em Fóruns Internacionais", coincide com o 60º aniversário da Constituição Conciliar '*Gaudium et Spes*' e do Decreto '*Apostolicam Actuositatem*'. Seu objetivo será colocar em relevo o compromisso de tantos cristãos, que atuam no âmbito de organismos intergovernamentais, seja de modo individual seja em diversas associações e entidades. A iniciativa destina-se, sobretudo, – mas não de modo exclusivo – a representantes de organizações não-governamentais de inspiração católica ou entidades privadas, que trabalham em ambientes sociais. O evento acontece após o encontro do 6º Fórum das ONGs, de inspiração católica, realizado em Roma, mas contará com a presença de cerca de setenta representantes de ONGs internacionais, que colaboram, com assiduidade, para levar a mensagem cristã a organismos intergovernamentais, presentes em Nova Iorque, Genebra, Roma, Paris e Estrasburgo.

A jornada Jubilar, que se realizará na Universidade Lateranense, será dividida em duas sessões: na parte da manhã, serão apresentadas as origens históricas das Associações católicas internacionais, bem como o fundamento teológico das ações dos leigos em tais ambientes, reconhecido pelo Vaticano II e, depois, pela '*Christifideles laici*', que os insere na missão universal da Igreja: eles exercem uma função específica nos diversos ambientes e realidades do mundo, onde a Igreja está presente; o âmbito político-internacional, que incide nas orientações políticas e nas relações entre as nações, se apresenta como uma realidade de particular relevância para o mundo globalizado de hoje.

Entre os conferencistas destacam-se duas testemunhas de santidade, que tiveram um profundo compromisso social: São Pier Giorgio Frassati, jovem de Turim, recentemente canonizado por Leão XIV, e a americana Dorothy Day, proclamada Venerável.

Na parte da tarde, dois painéis apresentarão exemplos de "boa prática" sobre determinados temas, para demonstrar como este "fermento" está sendo implementado, hoje, no cenário internacional; sobre o desenvolvimento e cooperação internacional em relação à segurança alimentar, como também paz e mediação nos conflitos, direitos humanos, clima e educação.

No fim do dia, os participantes terão a oportunidade de passar, juntos, pela Porta Santa da Basílica de São João de Latrão e participar da Santa Missa, presidida pelo Cardeal Kevin Joseph Farrell, Prefeito do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida.

Trata-se de uma ótima ocasião, não apenas para as ONGs, mas também para os estudantes e futuros agentes no âmbito internacional. Isso demonstra que a mensagem cristã pode atingir todos os ambientes. De fato, nós, cristãos, somos chamados a demonstrar, em tais ambientes, os valores do Evangelho, capazes de transformar corações e mentes, como a história testemunha. Para chegar a tudo isso, as organizações não-governamentais são um instrumento importante, pois estão presentes em situações de fragilidade humana. Este é um trabalho lento, que exige muita paciência, mas também eficaz, porque possui a força da verdade e da salvação em prol da humanidade.

A Santa Sé, em nível diplomático, também realiza seu trabalho com a mesma sintonia eclesial. Esta visão compartilhada pode, realmente, gerar frutos de transformação para o bem comum e a paz, em benefício da humanidade. Desde a sua fundação, a Santa Sé incentivou a presença e a participação de católicos em organismos internacionais. Trata-se de uma manifestação da presença e da ação da Igreja no mundo.

Fonte: Vatican News

---

#### **“Restarting the Economy”**: evento global pelo retorno de uma "economia do suficiente"

Castel Gandolfo vai sediar, de 28 a 30 de novembro, o “Restarting the Economy” (“Retomar a Economia”), um encontro global, promovido pela Economia de Francisco. Trata-se de um acontecimento internacional para retomar a economia à luz do Jubileu, entre justiça social, cuidado com a Terra e libertação da dívida.

*Rita Sacramento Monteiro*



Desde o início da nossa história, a criatividade e o engenho humanos permitiram-nos superar os limites, criar e modelar novas realidades. O mundo contemporâneo é testemunha disso pelos avanços da tecnologia e engenharia. Superar os limites faz parte das nossas origens, somos cocriadores de Deus, e dos nossos desejos mais profundos: buscamos novas possibilidades e temos ânsia de nos expressar. Ir além dos limites sempre nos fez descobrir e desvendar novas realidades; mas, em um mundo, marcado por desequilíbrios ecológicos — sobre a Terra, nos seres vivos e nas vidas humanas — as limitações carregam um significado e uma força, que devem ser redescobertos em nosso tempo.

Em geral, as limitações, associadas a algo negativo, que parece restringir nossa liberdade, não anulam as possibilidades, mas suscitam novas. Do latim, a palavra *‘limes, limitis’* — que evocam fronteiras, margens, linhas de separação — indicavam, no mundo romano, um caminho que assinalava um confim, mas não um muro; um caminho, através da terra, que indicava onde começar e onde terminar.

As limitações trazem consigo um importante senso de suficiência, acolhimento, aceitação. Diante de um limite, podemos contemplar o que nos transcende; ao reconhecer a nossa vulnerabilidade, podemos entender o quanto nos ultrapassa. Assim, ao reconhecer a realidade como ela é, as decisões podem ser tomadas, a criatividade renasce, algo novo surge. No entanto, nossas sociedades parecem ter-se tornado obcecadas, não apenas em superar limites, mas em eliminá-los. Nada nunca é suficiente: crescimento, velocidade, consumo material e digital, horas de trabalho e assim por diante. Quanto mais sabemos, menos sabemos e continuamos a rejeitar os limites. Chegamos até a criar a ilusão de que a ciência e a tecnologia podem resolver todas as dimensões da nossa existência — até a morte — sendo fonte da vida e de significado. Isso, paradoxalmente, limita a nossa liberdade e o nosso desenvolvimento humano integral.

O Jubileu deste ano é como um caminho, traçado na terra, que nos indica onde começar e terminar; é uma linha que marca uma fronteira, e que abre, no tempo e no espaço, uma oportunidade de libertação, renovação e descanso. Trata-se de um limite que nos incita a pôr fim ao que não deve mais continuar: desigualdade, pobreza, guerras, esgotamento de recursos; é um ritmo digital inquieto, que não é nosso, mas um acúmulo desenfreado que prejudica a dignidade humana e a Terra; é um convite a redescobrir o valor dos limites, como um caminho para a liberdade, reconhecendo o que é essencial, e um desafio a uma "Economia do Suficiente", uma economia que coloca o bem comum no centro, que gera esperança e abre horizontes, ao invés de os fechar; é uma economia em que existem limites, que são traçados para salvaguardar a justiça para todos os seres vivos. Enfim, não se trata apenas de um convite para olhar o crescimento ou os recursos de forma diferente, nem se resume, simplesmente, em limitar o acúmulo de riquezas, o poder ou as desigualdades. Os limites não são apenas técnicos ou materiais, mas, antes de tudo, humanos e espirituais; são um convite a repensar todos os nossos relacionamentos.

Ao buscarmos retomar a economia, neste ano favorável do Jubileu, devemos encará-la sob a perspectiva dos limites, que significa reconciliar nossa relação com Deus e com a Terra. Somos criaturas limitadas, infinitamente amadas, mas limitadas. Não criamos o mundo; ele nos foi dado por Deus como dom, com o qual podemos frutificar, gerar frutos. Se continuarmos a vê-lo como um "objeto" a ser explorado, continuaremos a explorá-lo, sem cessar, inclusive as pessoas. Precisamos redescobrir este mundo como um lar vivo, ao qual pertencemos. A partir de tal experiência, colocando-nos na posição correta de quem reconhece seus limites, conseguimos enraizar uma atitude de responsabilidade e zelo. Com esta raiz, conseguimos desenvolver relacionamentos melhores entre nós e conosco mesmos.

Uma "Economia do Suficiente" poderia abrir o caminho para um estilo de vida mais simples, no qual compartilhamos mais, sabendo que, nem nós nem os outros, somos definidos pelos bens materiais, mas por aquilo que somos. Não se trata de viver pior ou ser mais infeliz, mas de viver na gratidão, libertando-nos da ideia de que as coisas — e nós mesmos — jamais são suficientes, tornando-nos guardiões uns dos outros. Devemos dar tempo e espaço ao que realmente importa, como um abraço, por exemplo, um limite que nos permite fazer uma experiência de amor!

O Jubileu exige o que nem sempre é possível e, às vezes, até parece impossível: perdão, libertação..., mas se pudesse se tornar possível, com mais frequência? Se a nossa economia pudesse, realmente, recomeçar e se tornar, não um lugar de luta, desejo insaciável ou esgotamento, mas um espaço com limitações, que possam favorecer florescimento, descanso, contemplação da beleza e bons relacionamentos?

Neste momento, em que este Ano jubilar está chegando ao fim, eis que nos chega o convite para redescobrir os limites, nossos e os da Terra e da economia, que não acabam com o fim do Jubileu. Pelo contrário, se fortalecem. De quais limites as nossas vidas precisam hoje?

Fonte: Vatican News

---

## **Vaticano/Ecumenismo: Papa pede que Igrejas sejam «sinal de paz e instrumento de reconciliação»**

*Leão XIV publica carta apostólica pelos 1700 anos de Niceia e apela à unidade dos cristãos*

Leão XIV publicou hoje a carta apostólica 'In unitate Fidei' (Na unidade da Fé), por ocasião dos 1700 anos do Concílio de Niceia, pedindo que os cristãos sejam "sinal de paz e instrumento de reconciliação".

“O amor a Deus sem o amor ao próximo é hipocrisia; o amor radical ao próximo, sobretudo o amor aos inimigos, sem o amor a Deus, é um heroísmo que nos oprime e esmaga. No seguimento de Jesus, a ascensão a Deus passa pelo abaixamento e pela dedicação aos irmãos e irmãs, sobretudo aos últimos, aos mais pobres, abandonados e marginalizados”, escreve o Papa, a poucos dias de iniciar a sua primeira viagem internacional, à Turquia e ao Líbano (27 de novembro a 2 de dezembro).



Foto: Lusa/EPA

No documento divulgado este domingo, solenidade de Cristo Rei, o pontífice assinala que “na unidade da fé, proclamada desde os primórdios da Igreja, os cristãos são chamados a caminhar em concórdia, guardando e transmitindo com amor e alegria o dom recebido”.

Leão XIV sublinha que a viagem à Turquia, lugar onde decorreu o primeiro concílio ecuménico em 325, visa encorajar “um renovado impulso na profissão da fé”, recordando que o Credo formulado em Niceia constitui “património comum dos cristãos”.

*Ainda hoje, na celebração eucarística dominical, pronunciamos o Credo Niceno-Constantinopolitano, profissão de fé que une todos os cristãos. E a fé nos dá esperança nos tempos difíceis que vivemos, no meio de muitas preocupações e medos, ameaças de guerra e violência, desastres naturais, graves injustiças e desequilíbrios, fome e miséria sofridas por milhões de nossos irmãos e irmãs.”*



Foto: Lusa/EPA

O Concílio de Niceia teve a missão de preservar a unidade da Igreja, perante correntes teológicas que negavam a plena divindade de Jesus Cristo e a sua igualdade com o Pai, reunindo cerca de 300 bispos, convocados pelo imperador Constantino, a 20 de maio de 325.

Leão XIV recorda esse contexto histórico, particularmente a heresia de Ário, que negava a divindade de Cristo, e reafirma a atualidade da definição dogmática de que Jesus é “consustancial” ao Pai.

“Não se tratava de um detalhe secundário. Tratava-se do cerne da fé cristã”, adverte o Papa, explicando que se Cristo não fosse Deus, não poderia redimir a humanidade.

O documento estabelece uma ligação direta entre a profissão da fé e a caridade, rejeitando a ideia de um Deus distante.

“O Credo Niceno não nos fala de um Deus distante, inatingível, imóvel, que repousa em si mesmo, mas de um Deus que está perto de nós”, refere o texto.

Leão XIV apela a um exame de consciência sobre a coerência da vida cristã, questionando se os fiéis tratam a criação com reverência e se estão dispostos a partilhar os bens “de forma justa e equitativa”.

O Papa destaca o “altíssimo valor ecuménico” desta celebração, lembrando que o Credo Niceno-Constantinopolitano é partilhado por católicos, ortodoxos e protestantes.

“O que nos une é muito mais do que o que nos divide”, sustenta, defendendo um ecumenismo “voltado para o futuro”, que não seja apenas um regresso ao passado, mas uma “reconciliação no caminho do diálogo”.

“A unidade sem multiplicidade é tirania, a multiplicidade sem unidade é desintegração”, alerta.

Leão XVI recorda o documento da Comissão Teológica Internacional, ‘Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador. O 1.700º aniversário do Concílio Ecuménico de Niceia’, aprovado este ano, sublinhando as “perspetivas úteis para aprofundar a importância e a atualidade não só teológica e eclesial, mas também cultural e social” deste acontecimento histórico.

A carta encerra-se com uma oração ao Espírito Santo, pedindo o dom da unidade “para que o mundo acredite”.

A celebração ecuménica de oração pelo 1700.º aniversário do Concílio de Niceia está marcada para 28 de novembro, na atual cidade turca de Íznik, perto das escavações arqueológicas da antiga Basílica de São Neófito.

Fonte: Agência Ecclesia

-----  
**COP30: Cimeira do clima termina «falhando completamente» na definição de um «roteiro para o abandono dos combustíveis fósseis»**

*Organizações portuguesas ZERO, OIKOS e FEC participaram na cimeira do clima em Belém do Pará, no Brasil, e apontam «fragilidades significativas» do documento final «Mutirão»*



*Foto de Rafa Pereira/COP30, presidente da COP 30, André Corrêa do Lago, e António Guterres, Secretário-geral das Nações Unidas durante a 30ª Conferência das Partes (COP30).*

Belém, Brasil, 22 nov 2025 (Ecclesia) – As organizações portuguesas ZERO, OIKOS e FEC, que participaram na 30ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas para as Alterações Climáticas (COP30), no Brasil, afirmam que, apesar de “alguns elementos positivos”, cimeira “continuou a falhar o essencial”.

“O documento principal da COP30, o chamado “Mutirão”, um apelo da Presidência brasileira para uma mobilização global e um esforço conjunto das Partes contra as alterações climáticas, revelou fragilidades significativas, falhando completamente num elemento essencial que seria traçar um roteiro para o abandono dos combustíveis fósseis”, afirmam as organizações em comunicado enviado hoje à Agência ECCLESIA.

Os participantes de Portugal consideram que “não ter um plano de ação para retirada dos combustíveis fósseis, é uma submissão política aos interesses dos países produtores de petróleo, em particular da Arábia Saudita, ou dos que continuam a assumir que ainda precisam de muita energia

proveniente do carvão, petróleo e gás natural fóssil, sem assumirem completamente uma desejável transição energética, como é o exemplo da Índia”.

As três organizações consideram que Transição Justa “é referida com algum progresso”, notando que falta um “plano credível para o abandono gradual dos combustíveis fósseis, torna-se inviável reconhecer no Mutirão um verdadeiro pacote de justiça climática”.

“Apesar de a Presidência ter apelado a “um verdadeiro mutirão, uma mobilização coletiva de mentes, corações e mãos para concretizar o Pacote de Belém com rapidez, justiça e cuidado para todos”, o Plano de Ação de Género (GAP) ficou de fora das prioridades e com muitas divergências”, afirmam.



*Foto COP30*

A ZERO, a OIKOS e a FEC consideram que “a COP da ‘verdade’ revelou que o business as usual continua a dominar as negociações, onde a participação da sociedade civil foi maior comparativamente com os três últimos anos, mas ainda limitada nos resultados”.

“A meta de limitar o aquecimento global a 1,5 °C face aos níveis pré-industriais continua em risco, com consequências e prejuízos enormes de um clima em mudança, principalmente para os países em desenvolvimento”, alertam.

ZERO, OIKOS e FEC reforçam que a transição justa só pode ser considerada autêntica se assente em metas concretas, financiamento adequado e mecanismos robustos que garantam que nenhuma comunidade ou região é deixada para trás”.

As três organizações defendem que “os debates climáticos devem garantir uma abordagem inclusiva, financiamento adequado e mecanismos robustos que assegurem que a justiça de género seja central na ação climática”.

Apreciação final pela ZERO, OIKOS e FEC

A ZERO – Sistema Terrestre Sustentável esteve representada por Francisco Ferreira, presidente da associação e também Diretor do CENSE – Centro de Investigação em Ambiente e Sustentabilidade da NOVA FCT e por Islene Façanha, gestora de projetos e analista de políticas nas áreas do clima e energia.

A Oikos – Cooperação e Desenvolvimento é uma Organização Não Governamental para o Desenvolvimento (ONGD) que defende um desenvolvimento humano que “seja equitativo e sustentável” e fez-se representar pelo coordenador de projetos José Luís Monteiro.

A Fundação Fé e Cooperação (FEC), da Conferência Episcopal Portuguesa, esteve representada por Catarina António, gestora de projetos, e por Gustavo Lopes Pereira, gestor de comunicação.

“Esta participação permitiu acompanhar de perto os desafios, tensões e oportunidades que marcaram o rumo final das negociações”, conclui o comunicado das três organizações, enviado hoje à Agência ECCLESIA no fim da COP30, um dia após o previsto. Fonte: Agência Ecclesia

---

### **Ir. Simona Brambilla, o “caso Arautos”, a misericórdia e a escuta sinodal**

*Oito anos de perseguição ideológica acabaram por deitar luz à má intenção e ao abuso de poder de certos eclesiásticos, e revelar a inadequada conduta canônica e moral de muitos desses interventores...*

O livro sobre “*O Comissariado dos Arautos do Evangelho*”, lançado há poucas semanas, tem causado comoção entre os meios católicos no Brasil e para além de suas fronteiras. Também traduzido ao espanhol e ao italiano, o livro poderá alcançar, sem dúvida, o título “*best-seller*”. (sobre este assunto, ver artigos: Nota de imprensa sobre o livro “*O Comissariado dos Arautos do Evangelho*”, O caso dos Arautos do Evangelho, Dom Damasceno pede renúncia do comissariado dos Arautos do Evangelho. E agora?)



Foto: Vatican News

E não poderia ser diferente, pois a opinião pública está ávida por conhecer a verdade por trás da onda difamatória forjada contra a Instituição nos últimos anos.

Estes penosos oito anos em que os Arautos do Evangelho represaram silêncio e cordialidade – além de toda boa conduta humana – acabaram por se acumular tanto na barragem a qual os continha que esta não suportou tamanho volume de irregularidades; foi arreventada pelos próprios fatos!

Com efeito, a “misericórdia” de que tem sido alvo a Instituição, causa perplexidade:

**Ordenações diaconais e presbiterais proibidas de “suo iure”** pelo Cardeal Braz de Aviz – note-se que, segundo o Direito Canônico, nenhum Comissário Pontifício (ou Dicastério) tem poder para impedir que diáconos transitórios idôneos acedam ao presbiterado, se não houver impedimento canônico.[1]

**Impossibilidade de diálogo** com os superiores do Dicastério que os censuram – o que revela flagrante *cerceamento de defesa*:[2]

**Abuso de autoridade**[3] não só por parte de Sua Eminência o Cardeal João Braz de Aviz – de acordo com a farta documentação compilada no livro –, mas também da atual Prefeita do Dicastério, a Rev.da Ir. Simona Brambilla, extremamente disponível em ouvir desafetos da Associação, mas pouco afeita a escutar o outro lado ou até mesmo aquele que foi enviado para representar o dicastério, isto é, o próprio comissário Cardeal Dom Raymundo Damasceno.

Ir. Brambilla, a primeira mulher à frente de um Dicastério, acabou frustrando a – denominada por ela mesma – “conversação sinodal”, cujo fim é, em suas próprias palavras, “escutar, [...] com a consciência de que a outra pessoa tem muito a me revelar e de que o Espírito pode falar por meio de qualquer pessoa”:[4] ainda mais, se esta pessoa tem provas do que diz.

De fato, os Arautos do Evangelho receberam julgamento favorável em mais 30 processos civis – abertos em parte por instigação dos próprios emissários do dicastério –, evidenciando, assim, um descaso pela justiça brasileira (e latino-americana) e pelos jurados de renome que deram pareceres tão claros sobre a Instituição, tal como o ilustre Ives Gandra.

Em suma, todo este “*affaire*” vem sendo levado com grande “misericórdia” sinodal, no qual seus autores exercem uma inconfessada *soberania de veredicto*, outorgando-se os papéis de requerente, auxiliares de justiça, peritos e, é claro, também o de juízes. Nesses casos, até mesmo Cardeais – como D. Damasceno –, acabam condenados à renúncia, visto que as sentenças parecem lavradas antes de todo e qualquer processo...

Não obstante isso, oito anos de perseguição ideológica terminaram não só por deitar luz à má-fé e ao abuso de poder de certos eclesiásticos, como também por revelar a inadequada conduta (canônica e moral) de muitos desses interventores; além de evidenciar a sanha de abocanhar o patrimônio dessas

mesmas Associações e Institutos, a ponto de quererem dissolvê-las com o intuito de obterem seus bens patrimoniais.[5]

Tal conjuntura, reveladora de uma situação mais grave do que se poderia supor, dentro da própria Igreja, reclama transparência e justiça.

A cada dia, revelam-se novos abusos por parte daqueles que, no caso em questão, tergiversam a verdade, a ponto de induzirem ao erro o próprio Papa Leão XIV, por meio de informações infundadas e mentirosas.[6]

Diante desta confusa situação, que fará Leão XIV?

Por ora, parece oportuno que o dia a dia vá revelando a vida de cada um (e de cada uma) dos que se dispuseram a difamar, caluniar e prejudicar os Arautos do Evangelho, a fim de que, no momento ideal, fique claro para todos a “misericórdia” que moveu todo este processo.

Quando um livro é eleito “*best-seller*”, os primeiros a desejarem novos volumes são os próprios leitores.

*Por Bonifácio Silvestre*

---

[1] Cf. Código de Direito Canônico. São Paulo: Loyola, 2024, *hic*, c. 1030. Vide ainda as p. 182 a 186.

[2] Cf. Código de Direito Canônico. São Paulo: Loyola, 2024, *hic*, c. 221 e 1627.

[3] Cf. Código de Direito Canônico. São Paulo: Loyola, 2024, *hic*, c. 1378 § 1º.

[4] “A conversão sinodal começa com a escuta”. Entrevista com Simona Brambilla. In: <https://ihu.unisinos.br/659549-a-conversao-sinodal-comeca-com-a-escuta-entrevista-com-simona-brambilla>

[5] Recomenda-se a leitura das págs. 245-249 da obra “*O Comissariado dos Arautos do Evangelho*”, onde tal proceder espúrio não deixa de aventar, inclusive, uma eventual usurpação de ofício.

[6] A quem interesse ler a nota de imprensa publicada pelos Arautos do Evangelho, ver: <https://www.arautos.org/arautos/sobre-o-livro-o-comissariado-dos-arautos-do-evangelho>

Fonte: Gaudium et Press

-----.